

**De guerreiros históricos a Ritter literários – por um estudo comparativo da tradição militar germana da Tardoantiguidade à Baixa Idade Média**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior\*<sup>1</sup>

*Dulce et decorum est pro patria mori.* (Horácio, **Odes**, III, 2.13)

*igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum.* (Vegetius, **De re militari**, Livro III, Prefácio)

*Der Krieg ist eine bloße Fortsetzung der Politik mit anderen Mitteln* (Carl von Clausewitz, **Vom Kriege**, Livro I, Capítulo I, Subcapítulo 24).

*A guerra não é uma atividade intelectual, mas brutalmente física* (John Keegan).

## I. Introdução

Indubitavelmente, dentro do campo da História Militar, a cavalaria configura-se como uma das mais importantes Armas no decorrer dos séculos. Desde a Antiguidade até o início do século XX, seu uso em operações terrestres em tempo de guerra muitas vezes decidia a sorte de embates menores e batalhas mais amplas. Cremos, contudo, que foi no ambiente medieval, mais especificamente a partir do século XI, que um sentido de *classis* se faz presente nos homens a cavalo a serviço de reis e poderosos nobres feudais.

Entre os séculos XII e XIII, tal sentimento de pertencimento a um grupo seletivo, apoiado em um primeiro momento pelas intenções da Igreja em efetivar sua proposta ideológica de criação de uma cristandade, leva à formação em grande parte da Europa Ocidental, de um *esprit de corps*, em que o nobre guerreiro a cavalo se transforma em um *miles christianus*. Para se alcançar, porém, esta fusão identitária, recorre-se à Literatura, propagadora de modelos comportamentais.

Este artigo pretende traçar, em linhas gerais, essa história valorativa da cavalaria e do cavaleiro no mundo germanófono entre os séculos XII e XIII, em que a nobreza militar se alia à nobreza d'alma, gerando a figura do caval(h)eiro, ao mesmo tempo homem da guerra e do amor. Para se alcançar tal escopo, passemos uma rápida vista d'olhos à tradição da guerra a cavalo no mundo germânico da Tardoantiguidade.

## II. O guerreiro germano na Antiguidade e na Alta Idade Média – algumas palavras<sup>2</sup>

Os dados relativos ao emprego da cavalaria entre as tribos germânicas durante a Antiguidade praticamente inexistem. Guerreiros a pé, munidos de machados de batalha,

---

\* - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras / Instituto de História, Doutor em Letras Clássicas com Estágio Pós-Doutoral em História Medieval.

<sup>2</sup> - Parte destas reflexões encontra-se em BRAGANÇA JÚNIOR, 2012.

lanças, espadas e escudos, e arqueiros compõem o contingente de germanos em batalha. Posteriormente, especialmente a partir dos séculos II e III, germanos são incorporados nas tropas auxiliares romanas e, no século IV, pode-se falar dos visigodos com estaque, inclusive, pela presença de um corpo de cavalaria couraçada, decisivo na batalha de Adrianópolis (378). Já em 476, *terminus ad quem* da estrutura política do Império Romano do Ocidente, havia destacamentos de cavalaria em várias tribos germânicas<sup>3</sup>.

Entretanto, em uma perspectiva cultural e civilizacional, como proposto por Norbert Elias, desde os primeiros contatos entre germanos e romanos mencionam-se aquilo que podemos denominar de “embriões” de duas posturas adotadas no ápice do sistema cavaleiresco na Europa. Tácito em sua **Germania** alude ao *comitatus*, a relação de fidelidade entre o guerreiro germânico e seu senhor, expressa muitas vezes pela permanência daquele junto a este último em batalhas. O próprio direito de *ban*, de liderança incontestada atribuída aos guerreiros germânicos da Antiguidade, pressupunha também uma relação intrínseca entre comandante e comandados.

Após o esfacelamento político do Império Romano do Ocidente pós 476 d.C. e o estabelecimento paulatino de uma Europa Ocidental fortemente moldada em reinos sob bases galo-romano-germânicas assiste-se no século VIII a ascensão de Carlos Magno a rei dos francos (771) e posteriormente imperador do Sacro Império (800). Uma das principais estruturas políticas e sociais que possibilitaram ao franco transformar seu reino em um império referendado pela sagração papal prende-se à reutilização dos *comites palatini*, isto é, não mais simplesmente um título honorífico, à época romana, mas sim trazendo consigo implicações jurídicas, administrativas e também militares. Uma das razões para a associação deste grupo às obrigações bélicas assenta-se no fato de que, entre os séculos VIII e IX, boa parte da Europa Ocidental sofre com os ataques de vikings, magiães e sarracenos, o que demanda, como contramedida, a preparação de milícias prontas a repeli-los. No caso do mundo germanófono, os condes palatinos serão os *Pfalzgrafen*, tradução literal dos termos latinos, ou com a criação das Marcas, os *Markgrafen*, os margraves. Portanto, estes homens importantes para a manutenção da paz e dos territórios imperiais começam a ser legitimados social e nobiliarquicamente através da remissão e/ou criação de linhagens associadas a um passado remoto.

---

<sup>3</sup> - Para visualização, inclusive, dos trajes dos guerreiros e cavaleiros germânicos cf. REZENDE FILHO, (1996).

A partir do momento em que na Idade Média Central se consolidou um período de maior paz no continente, também se propiciou o fortalecimento de um sistema de relações sociais, o feudalismo, que terá como um de seus mais destacados elementos os *milites christiani*.

### III. Um novo modelo sócio-econômico de guerreiro<sup>4</sup>

Entre os séculos V e VII assiste-se nas monarquias germânicas ao estabelecimento de laços mais sólidos entre os proprietários de cavalos, que se tornaram guerreiros destacados, e os seus líderes, em um tipo de aliança sobre a qual posteriormente se assentará a base do modelo feudal. A partir do século VIII, com a preponderância do reino franco dentro do mundo germânico continental principalmente após a sagração de Carlos Magno como seu soberano, os *socii* (companheiros) de lutas do rei e futuro imperador cristão adquirem um prestígio que lhes permite definir um padrão linhagístico que os faz sobressair ainda mais dentro do sistema social do alto medievo, sendo encarregados da guarda e defesa dos territórios régios.

Klaus Militzer<sup>5</sup> (2001: 4) assim sumariza o viés militar da nova relação feudo-vassálica: “Quem recebia o feudo prestava, em seguida à *commendatio* com a imposição de mãos, um juramento de fidelidade, pelo qual prometia servir ao senhor feudal.” A tal cerimônia, contudo, era adjudicado um importante viés do ato de servir: “O serviço consistia especialmente no serviço militar”.<sup>6</sup> O historiador alemão prossegue e enfatiza agora o diferencial desta nova prática: “Devido ao feudo o vassalo deveria ... , manter um cavalo e, como cavaleiro, lutar a cavalo. No caso de feudos maiores, aquele deveria ser colocado em condições de servir com um grupo de homens”.<sup>7</sup>

O cumprimento das obrigações entre senhor e vassalo, no caso das regiões pertencentes ao Sacro Império, passava por vários atores oriundos de diferentes estamentos. Como senhores feudais e dignitários da igreja, bispos exerciam poder secular e temporal, participando decisivamente da vida política no império, apoiando ora a casa imperial ora as pretensões papais.<sup>8</sup> Por outro lado, os nobres oscilavam no jogo político entre o clero e o imperador, servindo também como fiéis da balança em questões judiciais e de segurança para o império.

Uma singularidade, porém, chama nossa atenção ao vincularmos sua existência ao crescimento da cavalaria no mundo germânico continental: os ministeriais. Inicialmente

---

<sup>4</sup> - Parte destas reflexões encontra-se em BRAGANÇA JÚNIOR, 2011; BRAGANÇA JÚNIOR, 2012.

<sup>5</sup> - Klaus Militzer, “Alemanha na Baixa Idade Média – feudalismo e cavalaria”, *Revista forum deutsch* 5, pp. 20-35.

<sup>6</sup> - *idem*, p. 23.

<sup>7</sup> - *idem, ibidem*.

<sup>8</sup> - Sobre a importância dos dignitários eclesiásticos no Sacro Império e as relações com os senhores feudais laicos cf. MILITZER, *op. cit.*, pp. 24-29.

servos, “que viviam como serviçais na casa do senhor e realizavam as tarefas ao bel prazer deste último”<sup>9</sup>, os *Dienstherren*, ministeriais, podiam servir aos interesses do império e, por se tornarem homens de confiança dos altos escalões da nobreza, paulatinamente começaram a granjear uma posição de certo destaque social. No início, eles não eram enfeudados, isto é, tinham direito a feudos, mas devido a sua proximidade e relativa intimidade com seus senhores, como afirma Militzer<sup>10</sup>, os ministeriais “em sua origem servos, ascenderam e conquistaram na sociedade uma posição igual a da nobreza.”

Este processo de afirmação social em desenvolvimento desde o século XII e com maior ênfase no século XIII contribuiu para a aproximação entre esses servos de confiança e os membros da baixa nobreza, que encontraram exatamente no ideal da cavalaria a expressão de seus anseios e expectativas de progressão dentro do universo feudal. Nesse momento, condes, viscondes, margraves e landgraves constituem um grupo especial, a cujos filhos caberá um papel fundamental no centro e baixo medievo – consolidar um novo modelo de guerreiro, montado, viril, porém com propósitos cristianizadores. Tal missão a ser desempenhada, tanto no plano bélico quanto no ficcional, permite sua inserção dentro de uma perspectiva cultural, razão pela qual é necessária um campo de conhecimento interdisciplinar que lhe possibilite a operacionalização, a *Medievística Germanística*.

#### IV. *Medievística Germanística* – conceituação breve

Entendemos os termos em alemão *Germanistische Mediävistik* como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A *Medievística Germanística* em alemão, como propomos, prende-se aos estudos de *Kulturwissenschaft*, que, em linhas gerais, pode ser sumarizado pelas palavras de Doris Bachmann-Medick (1996: 10):

Compreender cultura como texto significa delimitar um campo comum, o qual somente poderá ser lavrado através de questionamentos que se sobreponham às disciplinas: a cultura é um domínio, que, de forma semelhante a um texto, - incita a variadas formas de leitura. A atenção dirige-se para as próprias concentrações de significados interpretativos das formas de representação cultural assim como para as estratégias retóricas na representação das culturas.

O debate sobre a validade dos textos literários como fontes historiográficas perpassa, pois, boa parte dos primeiros quartéis do século XX, em que a dicotomia testemunho/documento ainda imperava para a credibilidade da análise de obras literárias pela *Historiografia* tradicional. Todavia, o entendimento de que o texto historiográfico também

---

<sup>9</sup> - *idem*, p. 28.

<sup>10</sup> - *idem*, pp. 29-30.

constrói-se como discurso e nele estão espalhados e espelhados os valores do mundo circunjacente ao historiador – figura humana - não deve ser mais posto em dúvida. Muda-se o eixo da discussão não para questões de verdade ou verossimilhança dos textos literários, mas sim de que forma o autor-historiador operacionaliza e interpreta essas obras, transformando-as em fontes de pesquisa, em nosso caso, a questão do caval(h)eiro medieval.

No centro deste mundo a conquista de uma dama é analogicamente colocada ao lado das demonstrações de proezas relativas ao mundo bélico. Passemos, pois, a um rápido esboço da inserção desse nobre, a partir de uma ótica interdisciplinar, dentro da esfera de estudo da História Militar.

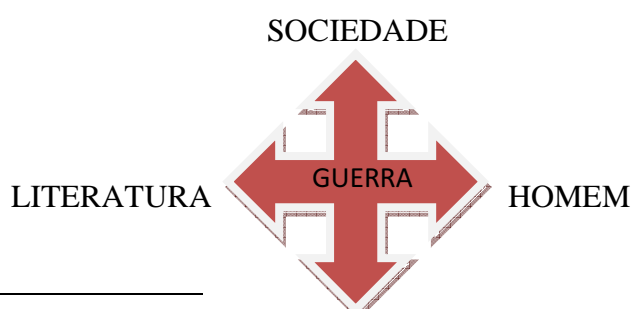
#### V. A guerra na História Militar e na cultura da Europa Medieval

Ponto pacífico para os estudiosos, sob o ponto de vista teórico a História Militar possui duas grandes fases, sendo denominadas de História Militar Tradicional e a mais recente a Nova História Militar. John Keegan (*apud* PEDROSA, 2011:2), maior referência no assunto, assim sumariza a primeira:<sup>11</sup>

A História Militar é um conjunto de muitas coisas. É – e para muitos escritores do passado e do presente é pouco mais do que isso – o estudo dos generais e do generalato [...]. A História Militar é também o estudo do armamento e do sistema de armas, da cavalaria, artilharia, castelos e fortificações, do mosquete, do arco, do cavaleiro com armadura, do encouraçado, do bombardeiro estratégico. [...] A História Militar é, por outro lado, o estudo das instituições, regimentos, estados-maiores e escolas de estado-maior, dos exércitos e das marinhas em geral, das doutrinas estratégicas adotadas na batalha [...]. A História Militar, podemos inferir daqui, tem, em última análise, de tratar da batalha.

Já a Nova História Militar, oriunda do mundo pós-1945, é um dos principais centros de atenção da Antropologia, da Sociologia, Ciência Política, das Relações Internacionais, constituindo-se em um campo de estudos interdisciplinares por excelência, valorizando os sujeitos participantes e as entidades comprometidas na guerra.<sup>12</sup>

Desta forma, concebemos a guerra como produto intrínseco às esferas abaixo:



<sup>11</sup> - Um interessante artigo que baliza bem os limites próprios da História Militar Tradicional e da Nova História Militar é de autoria de PEDROSA, 2011 em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601\\_ARQUIVO\\_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf)

<sup>12</sup> - Para um entendimento melhor da Nova História Militar cf. CARDOSO & VAINFAS, 2012.

## HISTÓRIA

Como esse germano a cavalo é representado na documentação literária da Tardoantiguidade, estendendo-se até o século XII? Seleccionamos alguns exemplos que demonstram os valores amalgamados pelos combatentes a cavalo de então.

### VI. O modelo germânico – **A canção de Hildebrando**

**A canção de Hildebrando** é um poema escrito em antigo-alto-alemão, com datação provável entre 830 e 840, tendo sido encontrado na capa de um missal no mosteiro beneditino de Fulda. O texto retrata um episódio da vida do herói lendário Hildebrando, mestre de armas do rei Dietrich von Bern, o qual retorna à sua terra natal após 30 anos de exílio. Ao chegar, Hildebrando encontra o exército de seu filho, Hadubrand, que pensa que seu pai está morto. Pai e filho enfrentam-se a sós no campo de batalha, entretanto não se sabe o final do poema, embora fontes posteriores indiquem que o filho tenha sido morto pelo guerreiro mais experiente. No trecho abaixo sente-se o clangor do combate homem contra homem, escudo contra escudo, bem característico de uma época, em que a cavalaria ainda não tinha alcançado o prestígio de alguns séculos depois:<sup>13</sup>

A Canção de Hildebrand (Original em antigo-alto-alemão), v. 65-68	A Canção de Hildebrando (século IX), v. 63-68
do lettun se ærist asckim scritan scarpem scurim dat in dem sciltim stont · do stoptun tosamane staim bort chlodun · hewun harmlicco huitte scilti · unti im iro lintun luttilo wurtun · giwigan miti wabnum	Então fizeram primeiro as lanças de freixo voar, acerbo horror, que no escudo se fixaram. Então caminharam ao encontro, os escudos rachando, bateram dolorosamente no claro escudo, até que seus escudos de tília cortados ficaram, despedaçados pelas armas (...)

Tardoantigo em origem e revivido em um texto da Alta Idade Média, o mundo germânico e seus valores guerreiros sofrem uma transformação de viés cristão quando o sistema feudal e a cultura eclesiástica forjam um novo modelo de homem, em belicosidade e em cortesia.

### VII. O amor cortes e a cavalaria

Como forma de regulamentar as relações sociais dentro do universo das cortes e para moldar uma cultura que espelhasse as aspirações da nobreza sob a observação da Igreja, o

<sup>13</sup> - Convém salientar que embora transcrito apenas no século IX o enredo histórico d' **A canção de Hildebrando** se remete à época da invasão hunna, no século V. O fato histórico serve de base para uma reapropriação literária decorrente de três séculos de oralidade prévia.

amor cortes – *Minnesang* em alemão – talvez tenha sido uma das mais decisivas criações dentro do campo literário no medievo e na própria história da humanidade. Aqui, cavaleiro e dama desempenham papéis pré-estabelecidos e devem comportar-se segundo a convenção inerente a sua posição dentro da sociedade. Empreende-se uma transposição para o plano literário das relações feudo-vassálicas e nesse modelo ganha destaque o jovem homem a cavalo.

Em nossa espacialidade estudada, já aqui o Sacro Império<sup>14</sup>, vejamos sucintamente a Passando diretamente ao nosso tópico de estudo, o cavaleiro medieval, no campo da Medievalística e da historiografia alemãs do século XX<sup>15</sup>, importantes estudos foram feitos sobre o tema.<sup>16</sup>

Joachim Bumke (1999) defende em seu capítulo *O conceito de caval(h)eiro e o estamento caval(h)eiresco*<sup>17</sup> a opinião de que a emblemática figura do cavaleiro, tornada caval(h)eiro, faz parte de um jogo convencional, criado exclusivamente para aprazer a platéia masculina, encantada com feitos heróicos de personagens que seriam iguais a eles. O amor apresentado na matéria cavalheiresca em romances e poemas épicos, com o correspondente endeusamento da mulher, serviria para enaltecer a dignidade masculina. Transfere-se simplesmente o ambiente dos torneios e justas para o da recitação e musicalização. Instaure-se o real poético ao lado da realidade guerreira.

Contudo, uma outra visão, defendida pelo medievalista Horst Wenzel (1974), aponta para o caval(h)eiro presente nesse tipo de literatura como um ideal pedagógico a ser imitado e alcançado, com vistas à legitimação da nobreza e sua posição de destaque. Mesmo que pensemos que tal modelo literário estilizado não pudesse ser concretizado na vida real dos séculos XII e XIII, as intenções moralizantes do clero faziam-se sentir nos círculos cortesões.

Sugerimos um meio-termo às vozes de Bumke e Wenzel<sup>18</sup>: não apenas um ideal, mas também a prática lúdica de um exercício, similar ao manejo das armas, caracterizariam através da lupa interdisciplinar da Medievalística Germanística o espaço de interpretação e

---

<sup>14</sup> - O Sacro Império Romano foi estabelecido formalmente por Oto o Grande em 862, tendo somente no século XV recebido o título oficial de “Germânico”. Cf. o nome oficial em alemão, *Heiliges Römisches Reich Deutscher Nation*.

<sup>15</sup> - Não nos deteremos em análises sobre as visões da historiografia alemã anteriores a esse século devido às limitações espaciais deste artigo.

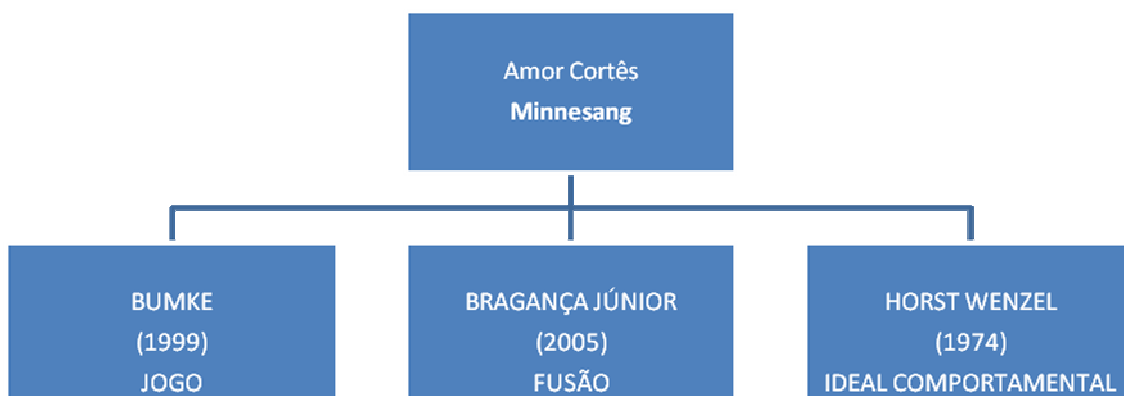
<sup>16</sup> - Parte destas reflexões encontra-se em BRAGANÇA JÚNIOR, 2011; BRAGANÇA JÚNIOR, 2012.

<sup>17</sup> - No original, **Ritterbegriff und Ritterstand**.

<sup>18</sup> - Álvaro Alfredo Bragança Júnior. “O estudo da literatura medieval em alemão no Brasil à luz da Medievalística Germanística – algumas palavras”, *V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais*, pp. 258-268.

representação desse **ludus**, sem referência aqui ao tipo de drama litúrgico em latim contemporâneo aos textos “cavaleirosos”.

É a seguinte nossa proposta de esquema:



Interessante notar que o léxico, a partir desta época, começa a registrar os espaços de atuação dos novos guerreiros a cavalo. Pensando na língua alemã atual encontramos *Reiter*, o cavaleiro e o termo *Ritter*, que exprime o *gentleman* com as damas, mas o nobre combatente a cavalo. O mesmo par evidencia-se em inglês com *horseman* e *knight*. No tocante à educação encontramos em português o verbo *cortejar*, que etimologicamente se prende ao comportamento correto dentro da corte, à educação nela demonstrada.<sup>19</sup> Juntas, essas duas faces da mesma moeda emblemizam-se nos poemas a seguir.

VIII. O modelo do cavaleiro cortes em terras germanófonas - exemplos<sup>20</sup>

<sup>19</sup> - Cf. em alemão *höflich*, “educado”, cuja origem está em *Hof*, “corte”.

<sup>20</sup> - Ilustração do **Codex Manesse**, *Der herzoge von anhalte*, disponível em [http://en.wikipedia.org/wiki/File:Codex\\_Manesse\\_%28Herzog%29\\_von\\_Anhalt.jpg](http://en.wikipedia.org/wiki/File:Codex_Manesse_%28Herzog%29_von_Anhalt.jpg)





Jovens cavaleiros, em busca de fama e de reconhecimento, lutam em torneios sob o olhar de damas, que umas as outras apregoam as habilidades de seu preferido. Tal imagem simbólica é normalmente associada ao imaginário contemporâneo sobre a relação cavaleiro-donzela na Idade Média. Para tal fim, os textos literários são meios eficazes de disseminação deste ideal.

<p><i>Ich zôch mir einen valken</i>  Der von Kûrenberg  (século XII)</p>	<p>Eu criei um falcão para mim  Der von Kûrenberg  (século XII)</p>
<p>Ich zôch mir einen valken       mêre danne    ein jâr.  dô ich in gezamete als ich in wolte hân, und  ich im sîn gevidere   mit golde wol bewant,  er huop sich ûf vil hôhe       und fluog in    anderiu lant.  Sît sach ich den valken   schône fliegen:  er fuorte an sînem fuoze sîdine riemen,  und was im sîn gevidere alrôt guldîn.  got sende si zesamene die gerne geliep    wellen sîn!</p>	<p>Eu criei um falcão para mim       por mais    de um ano.  Ao acabar de domesticá-lo ao querer tê-lo,  E ter ornado sua penugem com tecidos de    ouro,  Ele levantou-se bem alto e voou para outras    terras.  Desde então via eu do falcão o belo vôo:  Ele portava em suas patas anéis de seda,  E toda sua penugem era de um ouro    brilhante.  Que Deus reúna aqueles que querem se    amar!</p>

Neste poema percebe-se metaforicamente todo o ciclo de vassalagem amorosa. Uma jovem dama criara um falcão para ser seu animal de caça favorito e após anos de domesticação, o pássaro partiu para outras terras, tornando-se conhecido pelos seus belos vôos. A ave identifica-se com o jovem *Ritter*, o qual, desejoso de participar de aventuras e granjear fama, deixa a amada a esperar e suspirar pelo seu retorno, como indicado no último

verso. Sua habilidade guerreira iguala-se aos graciosos vôos da ave símbolo da nobreza medieval.

Um outro texto faz a simbiose entre o germano e o cavaleiro cortes, embora sua ambiência seja bem mais fortemente moldada na Tardoantiguidade. **A canção dos Nibelungos** traz, já em seus versos iniciais, os guerreiros heróis e suas façanhas:<sup>21</sup>

<i>Das Nibelungenlied</i> (século XIII)	A canção dos Nibelungos (século XIII)
Uns ist in alten mæren wunders vil geseit von helden lobebæren, von grôzer arebeit, von freuden, hôchgezîten, von weinen und von klagen, von küener recken strîten muget ir nû wunder hœren sagen	Contam-nos em antigas lendas acerca de prodígios tantos, de heróis dignos de louvor, de grandiosas façanhas, de alegrias, festejos, de chorares e lamentos; sobre lutas de bravos guerreiros podeis agora ouvir maravilhas.

O fim do poema expõe toda a dramaticidade das lutas entre os protagonistas, culminando no lamento do eu-lírico pelo desfecho sangrento:

<i>Das Nibelungenlied</i> (século XIII)	A canção dos Nibelungos (século XIII)
Diu vil michel êre was dâ gelegen tôt. diu liute heten alle jâmer unde nôt. mit leide was verendet des küniges hôchgezît, als ie diu liebe leide z'aller jungste gît.  I'ne kan iu niht bescheiden, was sider dâ geschach: wan ritter und vrouwen weinen man dâ sach, dar zuo die edeln knehte, ir lieben friunde tôt. hie hât daz maere ein ende. daz ist der Nibelungen nôt.	A mui grande honra jazia então morta Todos lamentavam com gemidos a triste sorte. Com dores terminara assim a festa do rei, Pois pagar o amor com sofrimento sempre foi lei.  Não vos posso contar o mais que se passou, senão que se viam a chorar cavaleiros e damas - e ainda os nobres guerreiros dos queridos amigos a morte.  Aqui acaba a história: dos Nibelungos a triste sorte.

Ponto central dos versos finais é o lamento dos *ritter unde vrouwen* – cavaleiros e damas – irmanados na dor da perda de inúmeros *knehte*, cavaleiros-serviçais, tombados em luta. O caval(h)eiro pranteia, junto com as figuras femininas, seus pares.

#### IX. Considerações finais

Historiadores, medievistas e os teóricos de literatura alemães há muito discutem o papel daquela ordem para a formação da futura Alemanha, sempre dicotomizada entre a

<sup>21</sup> - Adaptado de BUNSE (1984:250, 259). Sobre o enredo do poema e sua complexidade cf. **A canção dos Nibelungos** (2001).

realidade e ao ideal. Seja, porém, examinada sob o olhar da História, seja sob os pontos de vista da Literatura, a cavalaria permeia a própria história da Europa.

Para finalizar podemos debater com Klaus Militzer<sup>22</sup>, quando este afirma que

Na verdade, a idéia da cavalaria uniu por bom tempo senhores e baixa nobreza, porém não pôde amalgamá-la em uma classe. A classe dos cavaleiros não era e nunca foi uma classe homogênea fechada em si. Contudo, a idéia da cavalaria conduziu a um florescimento de uma cultura secular de cavaleiros, que claramente contrastava com outra impregnada pelo meio eclesiástico. Todavia, esta cultura foi cultivada apenas em poucas cortes e não atingiu, de forma alguma, todos os nobres da mesma maneira. Porém esta cultura haverá avançado através de contatos durante os torneios, outras diversões, as cruzadas ou viagens à Roma até o último rincão do Império Alemão e haverá de deixar resultados, embora eles ainda possam ter sido diminutos.

Somos de opinião, contrariamente ao estudioso, que o legado dos homens de armadura, que “defendiam belas damas, protegiam fracos e oprimidos, honravam reis e respeitavam a Deus” ainda está presente, não sendo diminuto, mas expandido pelo imaginário dos homens – e mulheres – através dos séculos. Encontramos no século XX a figura dos *Rittmeister*, que se aventuram em uma nova Força, a Força Aérea, durante os anos iniciais da Primeira Guerra Mundial. A antiga força hipomóvel torna-se a cavalaria aérea e dois anos após o início daquela conflagração, os Mark I, macho e fêmea, fazem seu *début* na batalha de Fles-Courcellette, durante a ofensiva do Somme, descortinando novos tempos para uma arma que se no(ta)bilizou e no(ta)biliza até hoje em momentos de guerra e de paz, ao desembainhar dos sabres, ao disparo dos atuais canhões, mas também à luz da pena dos trovadores medievais.

## X. Referências Bibliográficas

**A canção de Hildebrando.** In: <http://de.wikisource.org/wiki/Hildebrandslied>

**A canção dos Nibelungos.** Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2001.

BACHMANN-MEDICK, Doris. **Kultur als Text.** Frankfurt am Main: Fischer, 1996.

BARTHÉLEMY, Dominique. **A cavalaria.** Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BORST, Arno. (Org.) **Das Rittertum im Mittelalter.** 3ª edição. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1998.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Do guerreiro germano ao cavaleiro do século XIII – personagens históricos e modelos civilizacionais no mundo germânico continental: faces e

---

<sup>22</sup> *op. cit.*, p. 35.

interfaces. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). **De cavaleiros e cavalarias. Por terras da Europa e Américas**. São Paulo: Humanitas, 2012. p. 77-86.

BUMKE, Joachim. **Höfische Kultur**. Literatur und Gesellschaft im hohen Nittelalter. 9ª edição. München: DTV, 1999.

BUNSE, Heinrich. **Iniciação à Filologia Germânica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1983.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. A cavalaria na Idade Média – entre a guerra e a civilização. In: PEDROSA, Fernando V. Gomes **et alii**. **Anais do I Encontro de História Militar Antiga e Medieval**. Rio de Janeiro: CEPHiMEX, 2011. p. 54-69.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. Literatura e História enquanto discursos sobre o real no baixo medievo germanófono: algumas palavras. In: KESTLER, Isabela Maria Furtado. (Org.). **Revista forum deutsch**, Rio de Janeiro, 8: 116-140, 2004.

BUMKE, Joachim. **Höfische Kultur**. Literatur und Gesellschaft im hohen Nittelalter. 9ª edição. München: DTV, 1999.

CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v.2.

FILHO, Cyro de Barros Rezende. **Guerra e guerreiros na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 1996.

FLECKENSTEIN, Josef. **Rittertum und ritterliche Welt**. Berlin: Siedler, 2002.

FLECKENSTEIN, Josef. **Ordnungen und formende Kräfte des Mittelalters**. 2ª edição. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1991.

KEEGAN, John. **A Face da Batalha**. Tradução de Luiz Paulo Macedo Carvalho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2000.

MILITZER, Klaus. “Alemanha na Baixa Idade Média – feudalismo e cavalaria”. Tradução de Álvaro Alfredo Bragança Júnior. **Revista forum deutsch**, Rio de Janeiro, 5: 20-35, 2001.

PARAVICINI, Werner. **Die ritterlich-höfische Kultur des Mittelalters**. 2ª edição. München: R. Oldenbourg, 1999.

PEDROSA, Fernando Velôzo Gomes. A História Militar tradicional e a “Nova História Militar”. In: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601\\_ARQUIVO\\_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300540601_ARQUIVO_Artigo-HistMilTradeNovaHist-Envio.pdf), acesso em 10 de maio de 2012.

PRESTAGE, Edgar. **A cavalaria medieval**. Porto: Civilização, /s.d./

WENZEL, Horst. **Frauendienst und Gottesdienst**. Berlin: Erich Schmidt, 1974.